

Privilegiados — como os funcionários que ganham acima de 20 salários mínimos — ou excluídos da cidadania — como os analfabetos — estão entre as categorias mais reduzidas de grupos de moradores do DF, reveladas pelo Censo 2000. Menor número é o de judeus

Eles são minoria

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

Enquanto a maioria católica acredita em Jesus Cristo como o Filho de Deus, 153 brasilienses da religião judaica vivem o ano 5.762 e esperam a vinda do Messias. E, no meio de uma maioria de brancos, apenas 0,3% da população do Distrito Federal é da raça amarela. De cabelos lisos e negros, olhos puxados e língua complicada, japoneses, chineses e outros orientais em nada lembram a mistura indígena e negra que formou o povo brasileiro.

Judeus e orientais são exemplos das minorias no Distrito Federal reveladas pelo censo demográfico 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além deles, a população de mais de dois milhões traz outras exceções. Gente que só casa na igreja, que trabalha apenas duas horas por dia e que ganha mais de 20 salários mínimos (R\$ 4 mil) por mês — uma fortuna para 21% da população, que sobrevivem com R\$ 400 ou menos.

Gente como o zelador Valmir Menezes dos Santos, 42. Crente em Deus, ele não consegue acompanhar a oração na Bíblia, quando o pastor pede. Apenas 4% dos brasilienses com mais de dez anos são analfabetos como ele ou estudaram menos de um ano. A única palavra que Valmir consegue ler é *Guará*. Decorou a posição das letras, para nunca mais perder o ônibus que o leva à casa da irmã.

"Vejo as pessoas lendo e escrevendo. Também tenho vontade, mas quando pego no lápis, minha mão começa a tremer de nervoso", confessa o baiano, que nunca sentou num banco de escola. De família pobre, ele teve de escolher entre o trabalho e o estudo.

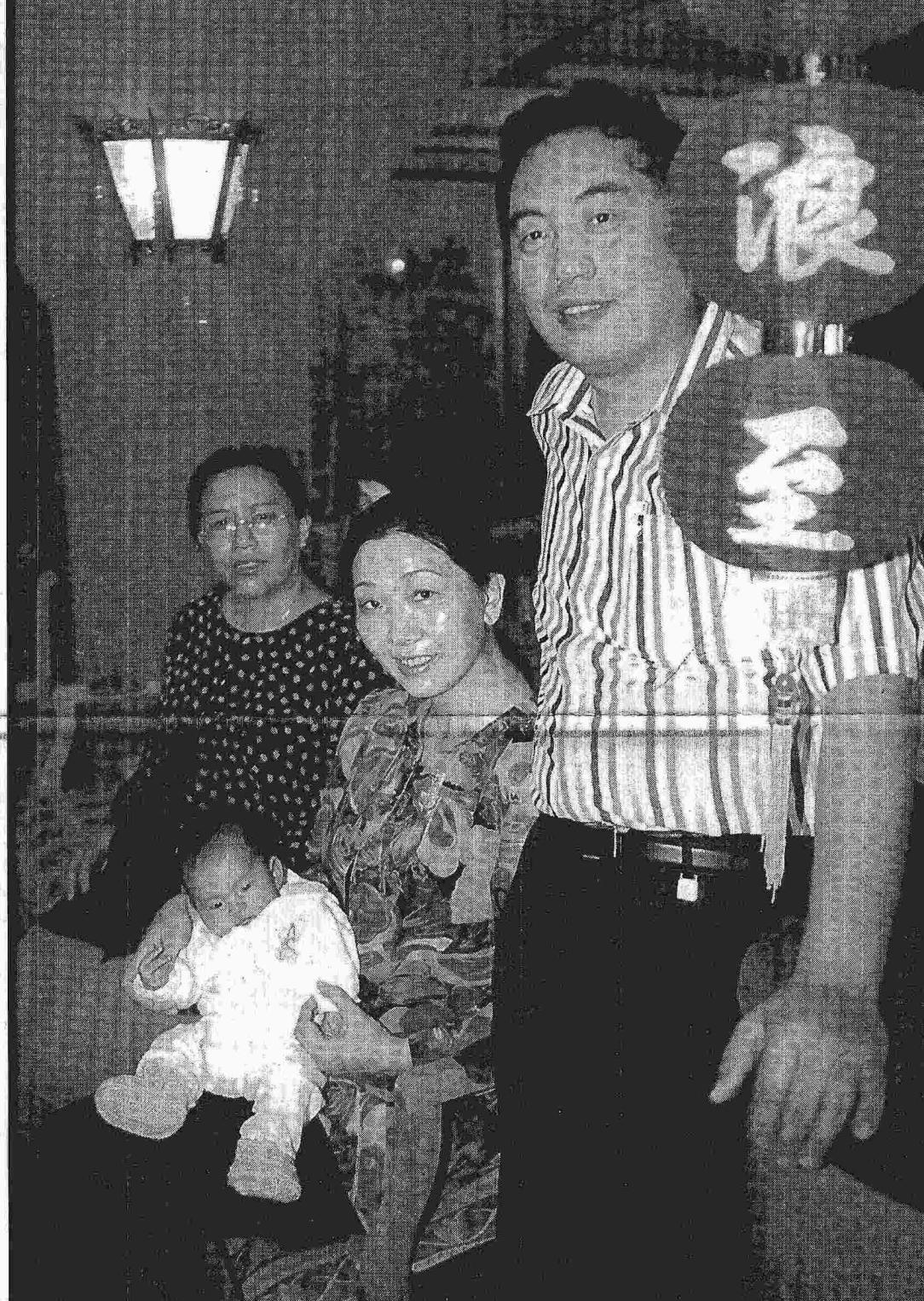
Ser analfabeto no DF é ser minoria numa população com o maior nível de escolarização do Brasil — quase 154 mil (9,2% do total) estudaram 15 anos ou mais. No Brasil, o percentual de analfabetos é de 10,2%, e apenas 4% da população fizeram o terceiro grau.

A vida de analfabeto constrange Valmir. A começar quando vai receber o pagamento (um salário mínimo) no banco. "Minha assinatura é o dedão", lamenta o zelador, que tem vontade de ler jornal e conferir os resultados do time do coração, o Bahia. "Mas nem olho. É como se não visse nada."

CULTURA DIFERENTE

Num mundo em que todos falam português, a família de chineses sente-se tão analfabeto quanto o zelador. Eles acham simpáticos os brasileiros que moram em Brasília, mas não conseguem convidá-los para tomar um chá ou co-

Ronaldo de Oliveira 14.6.02



A FAMÍLIA DE LI XIANG (D) SENTE FALTA DE UMA ESCOLA NO DF QUE ENSINE CHINÊS: CULTURAS DIFERENTES

mentar as vitórias da seleção na Copa do Mundo. "Pensei que mais brasileiros falavam inglês", diz Li Xiang, 44 anos, sócio de um restaurante chinês inaugurado em abril do ano passado.

Mudar para um país de cultura tão diferente trouxe uma série de dificuldades. A mais doída é a saudade dos filhos, em idade escolar, que ficaram na China. Ou que terão de ser enviados para lá, quando chegar a hora da alfabetização. "Em Brasília não tem escola que ensine chinês e as de São Paulo são caras", explica Xiang. Será o mais provável destino da pequena Isabel, o nome em português da brasileirinha Xinyuan Li, de um mês e meio.

Entre os 6.274 orientais no DF há apenas cerca de 30 ou 40 famílias que, aos poucos, vão se adaptando a um novo modo de vida. Jiang Dan, 41, grávida de oito

OS MENORES GRUPOS	
QUEM SÃO	QUANTOS SÃO
Religião judaica	153
Raça amarela (orientais)	6.274
Analfabetos ou com menos de um ano de estudo	67.722
Divorciados	40.776
Casados somente no religioso	21.258
Trabalham 14 horas por semana ou menos (a maioria é de voluntários em ações sociais)	17.238
Trabalham na agricultura, pecuária e silvicultura	15.840
Ganham mais de 20 salários mínimos	68.408
População do DF	2.052.146

Fonte: Censo Demográfico do IBGE/2000

meses, não conhecia abacate e apaixonou-se pela fruta. E o maço papaya, tão caro em Pequim, deixou de ser raridade na fruteira de casa. Em compensação, o tão comum chá chinês e ingredientes da culinária viraram produtos caros e difíceis de encontrar. Eles pedem remessas aos parentes que ficaram na China.

RITUAIS SAGRADOS

Tão difícil quanto o chinês é o hebraico, a língua que, como o árabe, se lê da direita para a esquerda. "Eu fui alfabetizado em hebraico, mas esqueci tudo. Consigo até ler, mas não

entendo nada do que estou lendo", admite o judeu Felipe Ungierowicz, 61 anos, analista de informática aposentado. Desaprender, perder costumes e re-fazer gostos são consequências da vida dos judeus que moram tão longe de Israel e num lugar onde são minoria. "Em Brasília, não tem nenhum restaurante típico", observa Felipe.

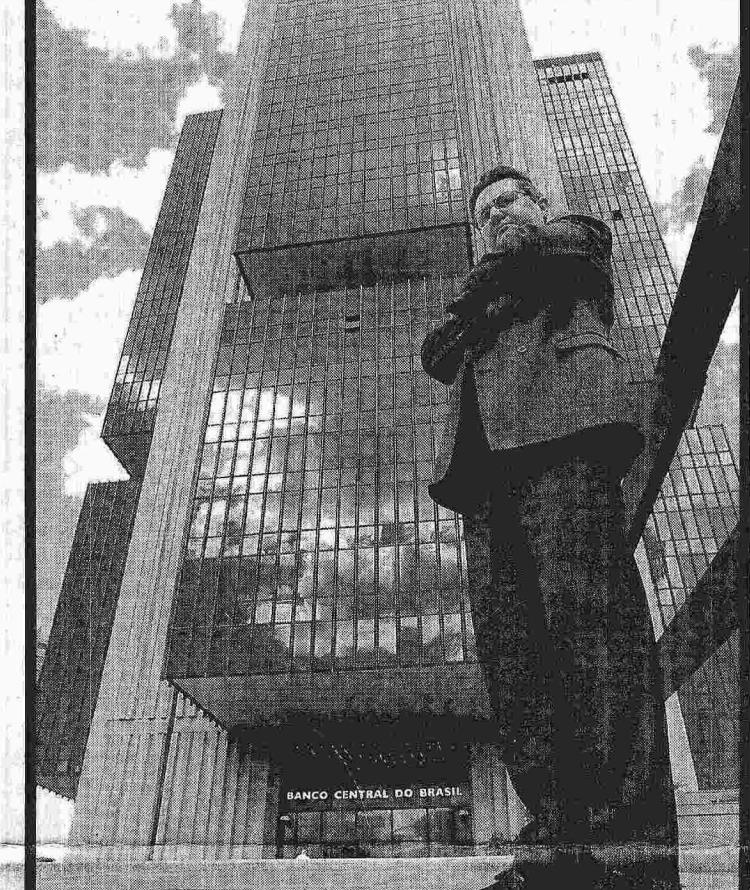
Até cumprir os rituais sagrados fica difícil e caro. O pão ázimo que deve ser comido durante o jejum de oito dias da páscoa judaica vem de São Paulo ou de Israel. Na casa de Felipe, pratos típicos como o peixe adocicado

Edilson Rodrigues 17.6.02



FELIPE UNGIEROWICZ E A FAMÍLIA: TRADIÇÃO DIFÍCIL DE CUMPRIR

Edilson Rodrigues 14.6.02



SEBASTIÃO MAGALHÃES DIZ QUE É EXEMPLO: QUEM TEM CHANCE, VENCE

Nehil Hamilton 14.6.02



ANALFABETISMO CONSTRANGE VALMIR MENEZES: VONTADE DE LER JORNAL

(guefite fish) deixaram de ser feitos e a família rendeu-se a popular arroz com feijão e batata frita. Na páscoa dos católicos, a família judia distribui ovos de chocolate e, no Natal, os três filhos querem presentes.

MELHORES SALÁRIOS

A minoria que compõe a faxa dos assalariados bem pagos eleva o DF a uma das mais altas rendas *per capita* do Brasil. Pelos dados do último censo do IBGE, menos de 6% dos brasilienses ganham mais de R\$ 4 mil por mês. O advogado Sebastião Andrade Magalhães pertence a esse pequeno grupo. Em dezembro, ele completa 24 anos de Banco Central. Mas até chegar à Procuradoria do BC, onde recebe cerca de R\$ 9 mil brutos, ele passou por um longo caminho.

Nascido em uma família pobre de Tejussuoca (CE), Magalhães chegou a Brasília há 30 anos. Trabalhou em um bar e foi escrivão da Polícia Civil até passar em um concurso no Banco Central, em 1978. Recebia algo em torno de R\$ 1 mil. Oito anos mais tarde, prestou concurso interno para a procuradoria.

Hoje, o advogado dirige carro importado e vive com a família em uma casa confortável, no Lago Sul. Cenário bem diferente dos primeiros anos no DF, quando morava em Ceilândia. "Sou o exemplo de que, se oferecemos a chance a alguém que seja esforçado, ele pode vencer." Colaborou João Rafael Torres